



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de posse do senador Alberto Silva no Conselho da República  
Palácio do Planalto, 05 de abril de 2005**

Meu caro embaixador Jiang Yuande, embaixador da China no Brasil,  
Meu querido companheiro Renan Calheiros, presidente do Senado,  
Meu querido companheiro José Sarney, senador da República,  
Meu caro senador Garibaldi,  
Senador Suassuna,  
Senador Gilberto Mestrinho,  
Meu querido Edson Vidigal, presidente do Tribunal Superior de Justiça,  
Minha querida Ideli Salvatti, senadora da República,  
Conselheiros aqui presentes,  
Secretários de Estado,  
Meu querido senador, conselheiro da República, Alberto Silva,  
Quero cumprimentar a sua família, a sua esposa; quero cumprimentar os  
seus filhos,  
Quero cumprimentar o nosso querido governador Wellington Dias,  
governador do Piauí,  
Quero cumprimentar os deputados Paes Landim, Antenor Naspolini e  
Ariosto Holanda,  
E quero cumprimentar o meu querido Aldo Lins e Silva, nosso querido  
conselheiro de cabelos brancos, mas mais animado do que nunca para a tarefa  
que temos que enfrentar neste país,



Meus amigos e minhas amigas,

Eu acredito que depois da fala do senador Alberto Silva era preciso que falássemos um pouco menos do Conselho e falássemos um pouco mais do Brasil. Entretanto, a formalidade me impõe, primeiro, falar do Conselho, e é para isso que nós estamos aqui, mas depois eu queria dar umas palavras sobre o Brasil.

Nas solenidades em que toma posse um novo membro do Conselho da República é importante reafirmar o quanto é importante esse órgão de consulta do Presidente da República, criado pela Constituição de 1988.

Sua composição é das mais significativas. Presidido pelo Presidente da República, participam dele o Vice-Presidente; o Ministro da Justiça; os Presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal; os líderes da maioria e da minoria, tanto no Senado quanto na Câmara; e mais seis brasileiros ilustres, estes nomeados livremente, sendo dois de escolha do Presidente da República, dois indicados pelo Senado Federal e dois pela Câmara dos Deputados.

Trata-se, portanto, de Conselho integrado por ilustres personalidades, todos brasileiros e brasileiras de alta qualificação, com longa trajetória de serviços prestados ao Estado e à sociedade.

Meus amigos e minhas amigas,

Hoje o Conselho recebe outro integrante de grande peso: Alberto Tavares Silva aqui chega – e ele já disse – indicado pelo Senado, com o apoio carinhoso do presidente Sarney, que o indicou.

Piauiense nascido na bela Parnaíba, engenheiro, Alberto Silva tem destacada carreira política e empresarial. Foi governador do Piauí por duas vezes, senador da República pela segunda vez, prefeito da cidade de Parnaíba também por duas vezes, deputado estadual e deputado federal.

Alberto Tavares Silva exerceu também os cargos de presidente da



Polonordeste, presidente da Companhia de Eletrificação Centro Norte do Ceará – Cenorte, e presidente da EBTU – Empresa Brasileira de Transportes Urbanos.

Como presidente da EBTU, foi responsável pelas primeiras pesquisas para obtenção do fundamental biodiesel. A parceria com a Universidade Federal do Ceará está em andamento até hoje e lá se inaugurou a Usina de Biodiesel Governador Alberto Silva.

Há poucos dias estive em Cássia, Minas Gerais, para inaugurar a Usina de Biodiesel da Soyminas, a primeira dentro do Programa Nacional de Produção de Biodiesel. E, desde 2004, autorizamos a adição de 2% do novo combustível ao diesel de petróleo. A expectativa é que um mercado interno potencial de pelo menos 800 milhões de litros/ano está sendo criado nos próximos três anos.

Ao longo de sua vida pública, o senador Alberto Silva acumulou grande experiência nas questões brasileiras, em especial nas nordestinas, que são estratégicas para o desenvolvimento do nosso país, e recebeu diversas homenagens que, aqui, já foram consideradas pelo nosso mestre de cerimônias.

Alberto Tavares Silva é ainda responsável por um sem-número de iniciativas e propostas, todas visando favorecer, sobretudo, a vida do homem do semi-árido nordestino.

Em outra oportunidade, afirmei que toda vez que os senhores conselheiros identificassem um problema relevante para o país e que o Presidente ainda não tivesse tomado a iniciativa de convocá-los, que chamassem a atenção do Presidente para reunir o Conselho da República.

E quero reafirmar hoje essa mesma disposição. Quero que os nobres conselheiros se antecipem e ajudem o Presidente, não só na equação de eventuais problemas, mas na sua própria identificação. Quero ouvir os membros do Conselho na busca de soluções para os desafios que temos pela



frente.

Portanto, agradeço desde já ao ilustre senador Alberto Silva que, junto aos demais conselheiros, certamente vai colaborar com sua orientação e pareceres ao Presidente da República, sempre que os interesses superiores do país justificarem.

Quero dar parabéns ao Senador, quero dar parabéns ao Senado, quero dar parabéns ao Conselho. E quero dizer, meu caro senador Alberto Silva, demais senadores aqui presentes, deputados, companheiros e companheiras do Piauí: eu penso que o Nordeste brasileiro, sobretudo o Nordeste brasileiro, precisa ser pensado com muito mais seriedade do que foi pensado ao longo de tantos e tantos anos.

De vez em quando, quando temos aqui no Palácio do Planalto ou no Congresso Nacional uma disputa entre benefícios para o Norte e o Nordeste, ou para o Sul e Sudeste, normalmente a pressão é muito forte para que o fundos não se dirijam ao Nordeste porque outros centros brasileiros, mais desenvolvidos, certamente têm um poder de pressão muito maior. E, muitas vezes, são companheiros, deputados dos estados pobres que terminam votando coisas que favorecem os estados mais ricos.

Eu penso que chegou o momento de a gente olhar o mapa do Brasil como um todo e começar a pensar que não é possível construirmos um país justo se o desenvolvimento do país não sair da região mais desenvolvida - que é o centro Sul do país e uma parte até do Centro-Oeste - e caminhar para o Norte e para o Nordeste brasileiro. Se não acontecer isso, nós continuaremos, historicamente, tendo um processo de migração de companheiros do Nordeste, como eu fui, em 1952, e outros foram muito tempo antes, tentar a sorte numa cidade grande do Sul. E hoje, certamente, as pessoas não têm a mesma possibilidade de ter acesso a empregos e à moradia como nós tínhamos na década de 50.

Pensar o desenvolvimento do Nordeste é não termos vergonha,



primeiro, de dizer que somos nordestinos. Segundo, não termos vergonha de dizer que, pensando o desenvolvimento do Nordeste, nós não estamos privilegiando um setor do Nordeste, nós estamos apenas recuperando o que, historicamente, o Nordeste brasileiro deveria ter tido há 100 anos, há 80 anos, há 50 anos.

Se é verdade que, em algum momento, dinheiro do Nordeste foi desviado, é verdade, também, que dinheiro foi desviado em outras partes do país. E é verdade, também, que outras partes do país já têm as vantagens comparativas que não tem o Nordeste brasileiro e que precisam ser dotadas. Se a Sudene sofreu deformação, se a Sudam sofreu deformação no seu processo histórico, nós não podemos punir a instituição, nós temos que dar à instituição a possibilidade de ter homens de bem dirigindo-a, para que ela cumpra a sua finalidade.

Quando tomei posse, eu disse em vários lugares que se eu não fizesse pelo Nordeste, quem faria pelo Nordeste? E decidimos algumas coisas que eu considero extremamente importantes para o Nordeste. Não é a história da política compensatória, porque essa, muitas vezes, o Nordeste teve.

Eu me lembro de um fato, presidente Sarney, presidente Renan e senador Alberto Silva, sobre o Pronaf, o Programa de Financiamento da Agricultura Familiar, em que 85% de todo o dinheiro para o Pronaf era emprestado apenas para a região centro-sul do país, notadamente para o Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Não havia cultura nem dos trabalhadores familiares do Nordeste terem acesso ao banco e nem dos bancos emprestarem o dinheiro ao pequeno do Nordeste. Fazer essa mudança é um trabalho penoso porque é um processo de reeducação, inclusive de agentes do Banco do Brasil aprenderem a tratar com os pequenos e, ao mesmo tempo, é um processo de educação convencer os pequenos de que eles têm direito de ter acesso a esse financiamento.

Quando vocês pegarem junto ao Ministério do Desenvolvimento Agrário



e junto ao Banco do Brasil a distribuição do Pronaf, vocês vão perceber que ainda continua grande o dinheiro para o Sul, mas vão perceber que estados do Nordeste chegaram a crescer 600%, 500%, 800%, numa demonstração de que pouca coisa se fazia para que esse dinheiro chegasse à agricultura familiar.

Mas eu fiquei pensando sobre quais projetos nós precisaríamos para mudar estruturalmente o Nordeste. E pensamos um que tem muito a ver com a sua trajetória.

Eu me lembro, nos primeiros meses de governo, quando o ministro Roberto Rodrigues entrou no meu gabinete e disse: Presidente, eu queria discutir a questão do biodiesel, que eu acho que pode ser uma grande solução para o Brasil. Imediatamente, eu convoquei uma reunião de que participaram vários ministérios, mas dois principais: o Ministério do Desenvolvimento Agrário e o Ministério de Minas e Energia, junto com o Ministério da Agricultura, Ministério da Fazenda, para que a gente criasse um grupo de trabalho e apresentássemos uma proposta de um programa de biodiesel para o Brasil. O petróleo está virando um artigo tão importante e tão de luxo que nós devemos priorizar a exportação para ganhar dinheiro e tentar fazer do biodiesel essa nova matriz energética renovável, geradora de empregos que pode ter, para o Brasil, a mesma importância que teve a produção de álcool nos anos 70, com a possibilidade que temos, uma variante extraordinária para produzir biodiesel: nós temos a mamona, o pinhão manso, o girassol, a soja, o dendê. Ou seja, nós temos uma variedade de plantas das quais podemos extrair o biodiesel, que nenhum país do mundo teria condições de competir com o Brasil.

E por que eu falo do biodiesel para o Nordeste? Porque no projeto – e o Senado tem que tomar cuidado, porque a discussão parece que está lá – ele pode ser feito de soja, mas se nós permitirmos que a soja seja prioridade, os pequenos produtores de outros produtos vão ficar outra vez passando fome. Então, é importante priorizarmos, orientarmos esses trabalhadores para que se organizem em cooperativas, para que construam pequenas usinas, de forma



que possamos levar a possibilidade de essas pessoas terem cidadania, pois a única coisa que conquistaram até agora foi o direito de serem retirantes, nômades, andando de canto em canto do país, ora para explorar a borracha no Nordeste e Norte do país, ora para fazer ferrovias em outras regiões do país. Então, o biodiesel é, para mim, aquele filho caçula: você gosta de todos, mas olha para ele com um carinho excepcional.

Outro projeto importante para o Nordeste é a ferrovia Transnordestina. Não é possível que uma região do tamanho do Nordeste ainda não tenha uma ferrovia que faça um processo de integração. Posso lhe dizer, Senador, que possivelmente, dentro de 60 dias, estejamos no Nordeste anunciando essa ferrovia. A engenharia financeira já está pronta, os parceiros que vão construí-la já existem, o dinheiro já está, eu diria, com a sua engenharia toda montada e, possivelmente, daqui a uns 60 dias poderemos anunciar.

Uma outra coisa é a velha água do São Francisco para uma parte do semi-árido, e com muita vontade, porque nunca prometi. Eu duvido que alguém tenha assistido, em algum momento de qualquer campanha minha, eu prometer a transposição das águas do rio São Francisco. Pelo contrário, fui admoestado, muitas vezes, em estados onde me perguntavam se eu queria prometer ou não, e eu dizia: não vou prometer porque coisa séria não se promete; ou se faz ou não se faz.

Mas tinha vários candidatos que prometiam. Como eu disputei muitas eleições, tinha candidato que prometia em um estado e no outro não prometia mais, no outro prometia, no outro não prometia. Na Paraíba, certamente, todos prometiam, não é Suassuna? No Rio Grande do Norte, também; no Ceará, também; em Pernambuco, em uma parte prometia, em outra desprometia. Então, eu nunca prometi mas, particularmente, estou convencido de que se nós não levarmos água para dar de beber a 12 milhões de famílias, pelo menos, no semi-árido nordestino, não estaremos cumprindo o compromisso que temos, enquanto cidadãos brasileiros, com aquela parte sofrida do Brasil. Resolver



tudo, não vai. Mas o programa de biodiesel, a transposição das águas e a ferrovia são três coisas estruturais que daqui a dez ou 15 anos, quando nossos netos estiverem reunidos discutindo o Nordeste brasileiro, eles vão lembrar que, em algum momento, as coisas aconteceram. E não foi decisão do presidente Lula. Isso é apenas arrebanhar a sabedoria do povo que, ao longo do tempo, reivindicou e brigou por essas obras estruturais. Eu me lembro sempre que a transposição do São Francisco é de 1847, portanto, o Imperador queria isso muito antes que qualquer um de nós aqui tivesse nascido. E a situação não melhorou. De vez em quando, vou a algum debate e digo sempre: só é contra quem nunca teve que carregar uma lata d'água de 20 litros na cabeça durante seis ou sete léguas. Só é contra quem não sabe o que é isso: chegar em um açude, ter que tirar a vaca de um lado, o cabrito de outro, o cavalo de outro, limpar os caramujos, encher uma lata d'água, levar para casa, colocá-la em um pote para assentar, e ficar tirando com canequinha para beber. Depois, vemos todas as criancinhas com a barriga cheia, e achamos que é saúde; muitas vezes é esquistossomose, não é saúde.

Então, acho que nós temos que ter muito mais do que um programa de governo, temos que ter um programa de respeito a uma parte do Brasil que é tão brasileira quanto a parte mais rica, mas que nunca teve a possibilidade de dizer o que quer, como quer e para quê quer. Eu fico imaginando, senador Gilberto Mestrinho, quantas vezes eu tive que ouvir desaforos, porque quando entrei aqui, no governo, a primeira coisa que eu fiz foi prorrogar para 2023 a Zona Franca de Manaus, com que alguns querem acabar. E só quer acabar quem não sabe o que é a Zona Franca de Manaus, quem não conhece, quem não sabe o bem que aquilo fez para a região Norte do país. Eu, se fosse senador do Amazonas, desafiava todos os contra a fazer uma visita, pagando almoço e janta. Depois que visitarem, digam o que pensam a respeito. É muito fácil ficar das hostes de Brasília fazendo julgamento de um país, e muitas vezes, nem colocaram os pés lá para saber como é que é.





Portanto, eu estou convencido de que o Brasil vive um momento especial. O Brasil vive um momento muito especial, que depende quase exclusivamente da imagem e do jeito que a gente pensa o Brasil, da imagem e do jeito que a gente quer o Brasil. E o Brasil não é o Brasil do Presidente, o Brasil do Senador ou o Brasil de um Deputado, é o Brasil que está na cabeça de 180 milhões de pessoas: um país generoso, um país de um povo trabalhador, um país de um povo criativo e, sobretudo, um país de um povo que tem esperança, que tem expectativa e que, por conta dela, vive acreditando em todos nós que, em algum momento, ocupamos cargos importantes neste país.

Eu sei que, muitas vezes, quando o senhor foi prefeito de Parnaíba não conseguiu realizar todas as coisas que desejava, nem quando foi governador. Sei que o Sarney não resolveu todas as coisas quando foi Presidente. Agora, não é a solução que resolve o problema de um governante. Obviamente que os problemas são infinitos e as coisas que nós temos que fazer são infinitas, quanto mais você fizer, mais o povo vai querer, porque quanto mais o povo aprende a gostar de uma coisa, mas ele quer uma coisa melhor, isso é da natureza da gente, nunca vai acabar. Pode fazer um milhão de casas que o povo vai pedir dois milhões, e pede com razão; se fizer melhor, ele vai querer outra melhor. Na medida em que ele vai tendo acesso às coisas ele vai querendo mais, se ele comeu uma vez, ele vai querer comer duas vezes; se ele comer duas vezes, ele vai querer comer três vezes; se ele ganha dez, vai querer ganhar 20, isso é parte da natureza de todos nós.

O que é importante para um homem é chegar à sua idade, aos 85 anos de idade, aos 86 anos de idade – eu estava lhe dando um ano de mocidade – e poder contar uma história que nem todo político tem possibilidade de contar, não esquecer que, mesmo sendo engenheiro, um dia esteve trabalhando junto com os operários. E disse que não foi líder dos operários. Não precisa ser líder, o que precisa, na verdade, é ser o companheiro que o senhor foi, porque, pode



ficar certo, as atitudes de um companheiro, muitas vezes, são mais importantes que as atitudes de um líder.

Seja bem-vindo ao Conselho, boa sorte e espero que Deus nos ajude a ajudar este país maravilhoso.